

Carrapato dos bovinos: inimigo do gado e do produtor

John Furlong e Márcia Prata
Pesquisadores da Embrapa Gado de Leite

O nome já diz: parasita. Aqueles que vivem à custa de outro. No caso, os animais e, por tabela, os donos. Sugando o hospedeiro, os carrapatos provocam danos consideráveis. Mas ainda tem um agravante: carrapatos "*cospem no prato que comem*". Isso quer dizer que, ao mesmo tempo em que ingerem sangue, devolvem excesso de líquidos para o organismo do hospedeiro. E é aí que mora o maior perigo: juntamente com esse líquido, são transferidos agentes de sérias doenças que, se não tratadas, podem levar o animal à morte.

O produtor na tentativa de evitar ou solucionar problemas começa uma verdadeira via-crúcis de compra de carrapaticidas que vão sendo usados e trocados indiscriminadamente. Como consequências: resistência cada vez mais intensa nas populações, resíduos no leite e desperdício de dinheiro, entre outros problemas. Registros recentes, de 2014, estimam em 3,24 bilhões de dólares os prejuízos acarretados somente pelo carrapato dos bovinos a cada ano no nosso País.

Complicado, não? Nem tanto, se forem seguidas algumas regrinhas simples. Começando com uma regra básica, muitas vezes deixada de lado, mas que, se for considerada, já podemos contar com meio caminho andado: prevenção é a palavra-chave. O ditado é conhecido de todos: "*prevenir é melhor do que remediar*". E quando o assunto é parasita, o produtor precisa saber que prevenir é muito mais barato que remediar. E prevenir, no caso dos parasitas é atuar na época de menores taxas de parasitismo. Isso mesmo: existem épocas do ano que são naturalmente desfavoráveis à proliferação destes inimigos, em decorrência da temperatura, umidade e precipitação. Estes fatores agem principalmente sobre a fase não parasitária dos inimigos, que é a fase em que estes estão

no ambiente. Reduzindo as populações do ambiente, consequentemente são reduzidos, também, os níveis de parasitismo. Uma das chaves do problema está, então, em descobrir que fases são essas e agir racionalmente nesse período, com elevação das chances de sucesso, uma vez que se combate um inimigo já enfraquecido. Mas existem outras.

O primeiro ponto que deve ficar claro é que no Brasil existem mais de cinquenta espécies de carrapatos. A maioria parasita animais silvestres. E há aqueles velhos conhecidos que atacam animais domésticos, como cães, cavalos e bovinos. Neste texto, abordaremos somente o inimigo de 3,24 bilhões de dólares, ou seja, o carrapato dos bovinos. Todas as dicas apresentadas aqui valem somente para esta espécie e, se forem utilizadas para o combate de outras como o carrapato-estrela, por exemplo, o fracasso é garantido. Isso ocorre porque as medidas de controle são baseadas no ciclo de vida do agente a ser controlado e cada espécie de carrapato tem um ciclo com características próprias. O controle do carrapato-estrela, por exemplo, de tão diferente, merece ser abordado em um texto exclusivo.



Enfocando, então, o carrapato dos bovinos: será que esse inimigo é tão forte e poderoso, a ponto de nos “roubar” bilhões de dólares por ano? A resposta é não. O carrapato bovino não é tão forte. Nós que damos força para ele, quando erramos nas práticas de combate. E por que o erro é tão significativo? Porque cada mamona mal banhada que sobrevive ao tratamento gera aproximadamente 3.000 filhotes, também com capacidade de resistir, pois *"filho de peixe, peixinho é"*. Banhar sem capricho é, portanto, um péssimo negócio para o produtor.

Vamos, então, combinar uma coisa: o papel do produtor na luta contra o carrapato dos bovinos não é banhar. É banhar **bem**. Essas três letrinhas fazem a diferença e podem garantir a vitória. Mas, além do banho mal dado, existem outros dois erros: o tratamento é realizado na época errada, quando o inimigo está mais forte e o produto a ser utilizado é escolhido com critérios que não garantem a eficácia, como preço ou propaganda. Se esses três erros levam a perdas tão significativas, minimizar as perdas e garantir sucesso no controle significa deixar de cometê-los. Em outras palavras: para a garantia de sucesso no controle do

Que carrapaticida utilizar, então?

Embora estejamos abordando apenas uma espécie de carrapato, é importante ressaltar que dentro da propriedade existe uma população com um perfil particular de resistência. Na prática, isso quer dizer que um produto que é altamente eficiente na propriedade vizinha pode de nada valer em sua propriedade. E como determinar o produto mais eficiente para cada propriedade? *“Atirar no escuro”* gera aumento de gastos e aceleração do processo de resistência. O ideal é efetuar o teste carrapaticida. A Embrapa realiza gratuitamente o teste para todo o Brasil. Basta coletar e enviar carrapatos de acordo com as instruções do “boxe 1”. Juntamente com os resultados são fornecidas informações para

carrapato dos bovinos, precisamos saber dar respostas corretas a três perguntas: quando tratar, como tratar e que produto utilizar.

Simples? Ao lermos este texto, parece, mas na prática não tem sido assim. É importante ressaltar que o produtor tem que acertar nas três respostas, tanto na teoria quanto na prática, para vencer a luta. E como acertar? A Embrapa Gado de Leite pode ajudar nessa tarefa.

A primeira medida que se deve ter em mente quando se deseja combater um inimigo com eficiência e sem erros é conhecê-lo bem. Conhecendo a vida do carrapato, podemos descobrir e explorar seus pontos fracos para ver se viramos o jogo, pois no campeonato “homem X carrapatos”, a vitória tem sido sempre deles. A Embrapa Gado de Leite tem constatado isso ao longo dos últimos anos: o quadro de resistência das populações do carrapato dos bovinos aos carrapaticidas é cada vez mais grave. Os carrapaticidas que temos no mercado são ruins? Em geral, não. São usados erradamente e, com isso, deixam de ser armas eficientes na nossa luta.

tratamento da forma correta e na época adequada. Atualmente são testados aproximadamente 20 produtos sob a forma de banho. O produtor deve escolher, da lista de resultados, um produto com eficiência igual ou superior a 90% e utilizá-lo por até 12 meses. Após este período, repetir o teste para novo ciclo de tratamentos. É importante destacar que, embora os produtos sejam geralmente os que necessitam de menor período de descarte do leite, este período, chamado de “período de carência” deve ser respeitado, para garantir que o leite e os produtos derivados possam ser consumidos sem riscos à saúde humana.

Boxe 1: Como coletar e enviar carrapatos para teste

- Separar dois ou três animais mais infestados e deixá-los sem contato com carrapaticida por pelo menos 25 dias, em caso de utilização de produto que age por contato (banho de aspersão) ou 35 dias, quando se utiliza produto “pour on” (na linha do dorso) ou injetável. Este cuidado deve ser adotado para que os carrapatos a serem utilizados no teste não tenham resíduos de carrapaticidas;
- Coletar uma grande quantidade de carrapatos (por volta de 200). Só servem os carrapatos grandes e repletos de sangue, que são as fêmeas, conhecidas popularmente como “mamonas” ou “jabuticabas”. A melhor hora para coleta é o início da manhã, quando os animais encontram-se mais intensamente infestados por carrapatos com estas características;
- Acondicionar em recipiente adequado (pote plástico ou caixa de papelão, contendo pequenos furos que possibilitem a respiração dos carrapatos, sem permitir a fuga destes);
- Identificar o material, informando nome e município da propriedade, nome do proprietário, endereço para envio dos resultados e telefone;
- Enviar por correspondência expressa para: Embrapa Gado de Leite

Av. Eugênio do Nascimento, 610

Dom Bosco - Juiz de Fora – MG

CEP: 36038-330.

É importante que o material seja enviado no início da semana (segundas, terças ou quartas-feiras) e que o tempo entre a coleta e o envio seja o menor possível. O ideal é coletar e enviar no mesmo dia, mas caso não seja possível, pode-se fazê-lo no dia seguinte, desde que se tenha o cuidado de deixar os carrapatos, devidamente acondicionados, na parte inferior da geladeira. Para o envio não é necessária refrigeração do material. Os resultados são válidos apenas para a propriedade de onde foram coletados os carrapatos. O teste é gratuito.

Como tratar?

Banho carrapaticida dá trabalho. E banho bem dado dá mais trabalho ainda. Mas o inimigo exige tal dedicação. Optar por produtos injetáveis não é uma saída adequada para o produtor de leite, uma vez que estes produtos geralmente exigem um período de carência longo. Situação semelhante ocorre com muitos produtos de aplicação na linha do dorso ou “pour on”. Já que não podemos fugir do banho, vejamos no "boxe 2" os 10 passos para um banho bem dado.

Quando tratar ?

O carrapato desenvolve quatro gerações por ano. Três são fortes e uma é naturalmente enfraquecida pelos fatores climáticos. Conforme já foi relatado, prevenir é a melhor tática no controle. Isso significa que, em vez de

agir continuamente contra as três fortes, devemos atuar preventivamente, concentrando os banhos carrapaticidas na geração mais fraca. Reduzindo-se essa geração enfraquecida, consequentemente serão reduzidas as gerações subsequentes. Esse é o controle estratégico: realizar cinco a seis banhos carrapaticidas, um a cada 21 dias, no período de menores infestações. A quantidade de banhos e o intervalo entre aplicações não mudam, mas o período de realização variará de acordo com a região enfocada e sempre deverá corresponder ao período de menores incidências de infestações.

Com a realização do controle estratégico em períodos restritos, no restante do ano basta o monitoramento visual da quantidade de carrapatos presentes nos animais e a intervenção somente em casos de grandes infestações, com banhos a cada 21 dias, até que a situação volte ao controle. Uma boa medida é monitorar os animais mais parasitados (animais de “sangue doce”) a cada 21 dias, efetuando banhos extras somente naqueles que apresentarem 25 ou mais mamonas em um lado do corpo. Com o passar dos anos, cada vez será menor a necessidade de banhos extras o

que, além de economizar dinheiro, contribui para retardar o processo de resistência. Mas é importante lembrar que, para que tudo funcione a contento, deve-se agir nos três pontos, utilizando o produto correto, na época adequada e da forma mais caprichada possível. Uma dica final: neste texto foram apresentadas medidas simples que podem ajudar no combate aos carrapatos, mas não substituem a atuação profissional. O acompanhamento do médico veterinário e a participação ativa do produtor e dos empregados são fundamentais para a garantia do sucesso.

Boxe 2: 10 passos para um banho bem dado

1. Dose certa: a dose da bula. Nem mais nem menos. Subdosagens levam a aceleração da resistência e superdosagens representam grande risco de intoxicações.
2. Nunca misturar produtos: os produtos eficientes são, em sua maioria, associações de princípios ativos. Tais associações são testadas e aprovadas na dosagem e concentração indicadas na bula. Associar produtos leva a alterações em tais dosagens e concentrações, com sérios riscos à saúde dos animais e até do operador. Pelos mesmos motivos, nunca se deve utilizar um produto de forma diferente daquela preconizada na bula, ou seja, um produto para banho não deve ser aplicado sob a forma “pour on” e vice-versa.
3. Homogeneização: o ideal seria o preparo de uma “calda”, diluindo-se previamente a quantidade recomendada para o preenchimento de uma bomba em um balde à parte, com dois a três litros de água. O conteúdo do balde é, então, colocado aos poucos na bomba, adicionando-se água e mexendo sempre, até completar o volume recomendado. Não esquecer de agitar a solução também durante o banho.
4. Equipamento: quanto menos contato do operador com a solução, melhor para a saúde do operador e pior para o carrapato. Deve ser dada preferência a modelos em que o recipiente contendo a solução não fique “colado” ao corpo do operador. Esta medida minimiza os riscos à saúde e garante mobilidade do operador. Quem tem que ficar contido durante o banho é o animal, não o operador.
5. Segurança do operador: uso de equipamento de proteção individual, como luvas, máscaras, macacão e botas é imprescindível. Carrapaticida é veneno. Nas primeiras aplicações pode não se sentir nada. Mas a exposição contínua ao produto pode levar a danos irreparáveis à saúde, até mesmo à morte.
6. Pressão: deve ser suficiente para atravessar os pelos atingindo e molhando a pele, sem machucar o animal.
7. Aplicação: sem pressa e com capricho. Deve ser feita a favor do vento, no sentido contrário ao dos pelos.
8. Contenção dos animais: é essencial efetuar o banho com o animal contido (em brete ou cordas). Nada de ficar correndo atrás do animal a ser banhado.
9. Quantidade: 4 a 5 litros de solução para um animal adulto. Para bezerros, quantidade menor, proporcional ao tamanho do animal. Deve ser banhada toda a superfície corporal do animal, atingindo-se até as regiões de mais difícil acesso, como úbere, face interna das orelhas e entre pernas.
10. Horário e condições para reduzir riscos de intoxicações, nunca banhar em horas de sol forte e não banhar animais cansados e ofegantes. Evitar banhar em dias chuvosos, para garantir a eficiência do produto. Caso não seja possível evitar a chuva, deixar os animais por duas horas sob um teto após o banho e só então soltar no pasto.